Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial, Chronica Judicial, Artistica, e Commercio de todo o mundo.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 12.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS 480
POR 24 " 960
POR 52 " 1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 16 de Dezembro de 1841.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores assignantes das Provincias que ainda até hoje não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, tenhão a bondade de remetter ao Escriptorio da Redacção a quantia por que se responsabilisaram. Os que assignaram tão sómente para os 12 primeiros numeros deverão renoval-as quanto antes para que não haja irregularidade alguma na remessa do jornal.

Igualmente se pede a todos os Senhores que em differentes pontos da provincia receberam o importe de diversas assignaturas, o obsequio de envia-lo á Redacção d'esta folha, visto acharem-se terminados os 12 primeiros numeros.

Correspondencia sobre cereaes.

Sempre que temos occasião de publicar algumas considerações dos nossos correspondentes, ácerca d'objectos de interesse publico, o fazemos com toda a satisfação; tanto pelo que em si val a materia, como por vermos nellas prova manifesta do zelo, e muita affeição, que ainda entre nós ha ao mais sólido desenvolvimento da nossa industria. A promptidão, com que publicamos hoje as duas cartas que recebemos, e o sobre que ellas versão, confirmão o que acabamos de dizer.

Lisboa 12 de Dezembro de 1841.

237 Como a *Revista Universal* é publica a com o louvavel fim de auxiliar a industria nacional por meio de exemplos fundados na experiencia, ou nos factos, unico meio de levar a convicção aos animos menos dispostos para a receberem, talvez seja conveniente addicionar ao artigo 199, sob a epigrafe = *Excellente especie de cevada* = o seguinte:

Que no corrente anno de 1841, em uma Quinta situada no Campo Grande, se semearam tres oitavas de alqueire da sobredita cevada, as quaes produziram seis alqueires. A sementeira foi feita no mez de Fevereiro, e não em o Outono, como no artigo se inculcou, em terra forte, cavada duas vezes, mediando 15 dias entre a primeira e segunda cava, tendo estrumado bem a terra na occasião da primeira. Aquella

sementeira, se fosse feita em ponto maior, produziria na razão de 16 alqueires por semente. E' certo que nem em todos os climas convirá fazer a sementeira d'esta cevada na mesma estação; mas no termo de Lisboa, e em terrenos iguaes ou similhantes (correndo o anno como o presente) pode asseverar-se que deverá fazer-se em fevereiro, e não em o outono, como se disse no artigo mencionado. S. R. de S.

Evora 13 de Dezembro de 1841.

238 A minha profissão não é a de agricultor; porém sinto grande prazer em semear, e cultivar; e é este o meu melhor divertimento. Já em outra carta disse a V. o empenho, com que pertendi apurar uma especie de trigo, a meu ver, estimavel, pela finura da pelle, alvura da farinha, e digna de ser cultivada; e da qual remetto a V. uma pequena porção de grãos: porém vendo que cultivado em um hortejo, junto á casa da minha habitação, não escapou aos pardaes no anno de 1840, escolhi uma pequena porção de terra distante da cidade, onde semeei em março de 1841 (segundo o sistema aconselhado no Art. 98 do seu Jornal, que ha dois annos experimento) o resultado da segunda sementeira; e esperando uma grande colheita, em proporção do que havia semeado, vi malogradas as minhas esperanças pela mesma ave daninha que no anno antecedente m'as havia frustrado; e o resto foi-me quasi todo roubado por pessoas, a quem de bom grado eu desculparia, se soubesse que tratavão de o cultivar com esmero; porque nenhum outro fim tinha eu, senão o de o repartir quando tivesse obtido maior quantidade. Desgostoso com este procedimento, recolhi os pequenos restos, e neste outono tenho-os repartido, com algumas poucas sementes menos conhecidas, que tambem pertendia apurar, por lavradores cuidadosos, a quem desejo melhor fortuna do que eu tive.

Vendo o artigo 199 da Revista de 2 do corrente, assentei que V. não deixará de estimar alguns esclarecimentos, que posso dar-lhe ácerca da cevada pellada; e sinto haver repartido a pouca que possuia, e estar já semeada, o que me impede tambem de lhe remetter uma amostra.

Das muitas especies de cevada pellada de que tenho visto a descripção, possuia eu duas: uma muito conhecida, e que a meu vêr é a que se cultiva no Algarve; pois de lá obtive a primeira semente: cresce pouco mais d'um palmo; a espiga, ostensivamente, não apresenta differença alguma da cevada commum; porém na occasião de se debulhar apparecem os grãos nus. A outra cresce até á altura da cevada ordinaria; apresenta as espigas só com duas ordens de grãos, formando como uma palma, e tem de cada lado uma ordem de flores estereis; tem barbas, e os grãos muito mais grados, que os da primeira; tem cada espiga das maiores 34 grãos, 17 de cada lado; porém assim mesmo é prodigiosamente productiva pelas muitas espigas que produz um só grão. Estou persuadido de que a esta é que os francezes chamão *sucrion*.

Achei 7 grãos desta cevada casualmente entre uma pequena porção de trigo; parecerão-me differentes dos da cevada pellada, que eu já conhecia; guardei-os, e no outono de 1840 semeei-os sem esmero na escolha, e preparação da terra; quando desenvolveo as espigas, fiz-lhe em roda um encanniçado, que cobri com uma rede, para as livrar dos estragos dos pardaes, os quaes ainda me roubaram 23 espigas, que o vento encostou á rede. Fiz a primeira colheita de 37 espigas com 867 grãos, que pesaram 13¼ oitavas; e colhi mais, por differentes vezes, á medida que amaduraram, 81 espigas, de que não contei os grãos, por se incluirem neste numero as 23 roubadas pelas aves daninhas; vindo a produzir os 7 grãos 118 espigas. E' de notar que as ultimas 20, ou 30, tinhão só metade, ou a terça parte, dos grãos, que as primeiramente colhidas. Mr. Parmentier assevera que a cevada nua com duas ordens de grãos dobra sempre o producto da melhor colheita d'outra qualquer cevada. * * *

Meios para afugentar as aves daninhas.

INGLATERRA.

239 ¿ Quem não trabalhará muito por guardar seus pomares, e sementeiras, do estrago, que lhes causão as aves daninhas? Muitas despezas vemos nós repetidas todos os annos para evitar, ou melhor disseramos, para diminuir este grandissimo damno; e comtudo muito pouco se consegue pelos meios usados entre nós. D'outros daremos conta neste artigo; por serem muito encarecidos pelo bem experimentado author da famosa obra *Gardner Magazine*.

Atravessai, em distancias proporcionadas, sobre as searas umas cordas, cujas pontas podeis amarrar nos troncos das arvores, que vos ficarem a geito; ou em estacas dispostas para este fim; suspendei a estas cordas pedaços de vidro e louça, por fórma que se possão mover com o vento; a rever-

beração do sol, e da luz, variando constantemente, assusta tanto os passaros, que não se atrevem a chegar aos logares, onde alcança.

Se esta receita provar em o nosso paiz, como em o seu nos affirma aquelle author, facil será applica-la ás arvores, e ás parreiras. Outro meio nos menciona elle, com igual, ou ainda maior encarecimento, mas em poucas partes poderá ser empregado: é collocar um papagaio bem palreiro em logar proximo, e em altura, que o faça ser visto e ouvido pelas outras aves; e todas fugirão do sitio, pelo susto que lhes causa ou a catadura d'aquella ave, ou o seu muito palrar. Nós, apezar da muita authoridade deste escritor, não duvidamos declarar abertamente, que muito pouco fiamos da efficacia deste ultimo meio; por termos visto muitas vezes os nossos passaros, e nomeadamente os pardaes, ou menos medrosos, ou mais matreiros, que os dos outros paizes, chegarem a roubar o proprio alimento dos papagaios; e se estes mal podem guardar o que é já propriedade sua, e tão a seu alcance, no que sem duvida vai grande quebra do sentimento natural, que a todos os animaes faz guardadores do que para si hão mister, não os podemos por nenhuma fórma julgar tão temorosos para os outros, ou tão zelosos para si, que sómente sua voz, e presença, os afugente, e aterre, como nos dizem. Com tudo quem o experimentar poderá ter melhor prova. Se fazemos este commento, é porque se veja, que quando escrevemos, desejamos dizer a verdade sem dobrezes, nem respeito da authoridade alheia, como nos seja possivel alcança-la por nós mesmos.

F. M. P. S. N.

Purificação do mel

240 E' pena que um producto tão rico e delicioso, e que nos entra pelas portas dentro sem trabalho nosso, ande entre nós como coisa de pouca valia, ou de mera curiosidade, sem o sabermos estimar, nem applicar aos muitos usos, em que elle é empregado em outros paizes, por ventura menos proprios para a sua producção. Contentes com a sua doçura, o dispendemos, e desperdiçamos, sem mais cuidar em melhoral-o; como de ordinario acontece a quasi todas as coisas, em que para havel-as, não pômos obra, nem maior diligencia; quando mais direita razão nos parece darmos a estas algum cuidado, mórmente se sua perfeição o pede, já que as adquirimos sem arte, nem despeza. E porque, em nosso entender, é o mel deste paiz tão bom, e ainda mais avantajado, que o d'outras partes, onde o cultivão e preparão como producto muito estimado, nós daremos razão do como se elle purifica. Convêm, que em a conjuncção propria elle seja espremido com cuidado, e limpo das fezes, que costumão cahir do favo; e passados cinco, ou seis dias (se não houver pressa em preparal-o) se clarifica, fazendo-o ferver em agua, que deverá calcular-se, na razão d'uma canada para quatro arrateis de mel: nesta porção d'agua se deve lançar antes do mel, umas seis onças de carvão de sôbro pizado, e bem lavado, para que não leve pó; e assim ferve o mel por meia hora, e se passa, ainda fervendo, por um panno tapado, ou por coador, que seja proprio para limpal-o de todas as fezes: torna logo ao fogo em vazo bem limpo; e como começa de ferver, se lhe lança uma colher de espuma de clara d'ovo, e depois de mexido, deixa-se, que venha acima a espuma, para extrahil-a de todo, até que o liquido fique inteiramente puro: repete-se mais duas vezes igual porção da clara, e o mesmo preparo; depois do qual se deixa tomar o mel a sua consistencia natural, ou se faz mais, e menos liquido, segundo o tempo, porque a ultima fervura se conserva. Concluida esta preparação pelo theor, que deixamos ensinado, fica o mel tão puro, e bem concertado, que perde todo o sabor da cera, e ainda o das flores menos proprias, donde acontecesse ser extrahido; e neste estado pode ser usado, como o bom assucar, tanto em confeitos, como em os demais temperos.

Outro meio vamos a referir, que já foi segredo bem guardado, e pelo qual se reduz o mel ao estado, fórma, e côr do mais fino assucar. Os Judeos de Moldavia, e de Ukraine, fazião grande commercio, principalmente em Dantzik, vendendo por bom preço grandes torrões deste assucar de mel aos confeiteiros, e fabricantes de bebidas; e tanto cuidado levavão elles em reduzir de secreto o mel a este estado, e em aperfeiçoar os alvos torrões, que vendião a seu modo, que não havia quem podesse dar com a receita: até que Rohrer alcançando-a por suas proprias experiencias, a publicou em o seu Estudo sobre os Judeos, que habitão a Monarchia Austriaca. E' ella tão prompta, e factivel, que não ha ahi mais senão tomar uma porção de mel muito puro, e expol-o ao ar noite e dia, em vasilhas de madeira, por tres semanas, resguardando-o apenas do

sol, da chuva, e da neve; e como vai coalhando, e unindo-se os pequenos torrões, se lhes dá a feição que se quer; e já fóra da vasilha se expõe ao ar por mais alguns dias, para tomarem maior consistencia, e côr mais alva. Por este modo tambem perde o sabor de mel e fica sendo um assucar excellente.

A. N. L.

Pannos, papel, e madeira incombustiveis.

FRANÇA.

241 Por meio d'uma preparação pouco dispendiosa se consegue coisa de tanta utilidade, e tão para admirar, que parece inverter a natureza, ou suspender seus effeitos; como é o evitar a força, e acção do fogo sobre materiaes, em que elle atêa com muita facilidade, quaes são os papeis, pannos, e madeiras; coisas indispensaveis na construcção, e ornatos de qualquer casa, e por onde quasi sempre começa de se iscar o fogo, a ponto de levantar incendios, como todos os dias estamos vendo com grande lastima, e susto. Nas igrejas, theatros, salas, e outras casas, onde se requer grande numero de luzes, seria bom conselho tornar assim incombustiveis estas materias; e quando a fórma, que indicamos, não tenha mais virtude, que evitar a chamma (posto que muito maior seja a que nos encarecem, e affiança da receita) já isso seria um grande proveito, e valeria toda a despeza em conseguilo. Deixemos ao juizo de quem prestar attenção a esta particularidade, o calculo do seu valor, e applicação; e tresladamos para aqui o methodo, por que o insigne chimico Breza affirma alcançar-se este effeito. Em duas canadas d'agua fervendo, e de 190 gráos de calor, se dissolvem uma onça d'alumina, onça e meia de sulphato d'ammoniaco, meia onça d'acido borico, uma oitava de colla animal bem purificada, e outra igual quantidade d'amido desfeito em uma pequena gota d'agua fria: cada uma das drogas indicadas se vai dissolvendo pela ordem, com que as levamos mencionadas, e devem estar em fervura, quando se ajuntar a ultima. Nesta mistura, ainda quente, se ensopão muito bem os pannos, se não ha o risco de perderem as pinturas, ou estampas, que possão ter; porque, neste caso, se lhes applica a preparação pelo avesso, com esponja, ou escôva, conservando-os desdobrados sobre mêzas, ou taboas; e como forem bem embebidos no liquido, se espremem, e se deixão enxugar á sombra. O papel deve ser bem molhado em uma infusão preparada com porções dobradas d'alumina, e d'acido borico, e com metade do sulphato d'ammoniaco. Em quanto a madeiras, devem conservar-se na infusão segundo sua natureza for mais ou menos rija; e para as mais porosas bastão dois dias: quando porém isto não seja facil, pela fórma e tamanho das peças, banhão-se por muitas vezes, lançando-lhes por cima o liquido ainda a ferver, mórmente sobre as faces, que têem de ser mais expostas ao risco de incendio. Segundo as experiencias, que nos refere o citado chimico, este é um dos melhores meios para conseguir resultado de tanto prestimo, que ha muito tempo é assumpto de muito estudo, e de grandissimo empenho entre os chimicos, e sobre o qual se tem publicado varios outros methodos.

F. M. P. S. N.

Fabrico do velludo.

PARIS.

242 Parece-nos bom acerto o mencionarmos um novo, e mui artificioso modo de fabricar velludos; tanto porque o valor da materia é conhecidamente grande, como pelo assim requerer o tempo, e o poder da moda, que, segundo bem fundados annuncios, não tardará de fazer resuscitar as casacas desta fazenda; e muito máo será, que ella, com ser mais procurada, vá encarecendo, como é costume. A razão de seu grande preço está mais no trabalho do fabrico, que no valor da materia: e tal é a difficuldade, e a miudeza dos preparos por onde passa, que muito poucos artistas, ainda dos mais trabalhadores, e lidados no officio, se podem gabar de perfeitos, e bem amestrados: o cortar ajustadamente a seda, que na tecedura fica cobrindo o arame, é coisa que fia tão delgado, que dá que entender aos melhores mestres; e se ahi ha erro, ou leve desvio, fica perdida a obra, pela desigualdade do pello, e das ondas, que o ficão manchando. O evitar um transtorno como este, já era ponto de grande arte; mas não parou nelle o engenho do bom machinista Jamin, senão que levou muito adiante o seu plano. Combinou-se com um tal Falsan, e construiram uma nova machina, que pode ser ageitada aos teares ordinarios, e pela qual se tecem, ao mesmo tempo, duas peças de velludo, que, sahindo unidas no pello, se dividem com tal certeza pelo ferro que o corta, que não ha encontrar-lhes outra coisa, senão grande perfeição,

e muita igualdade. O direito concedido a estes habeis machinistas, pelo bem merecido previlegio, que alcançaram, faz, que não possâmos obter as miudas explicações, que desejáramos dar, deste artificio; e o quanto se póde dizer sem lezão deste direito, se reduz a muito pouco. Ha um regulador ajustado ao movimento de dois cilindros, que se collocão ao lado posterior do tear, e por meio d'elle se ministra, com uma exactidão incrivel, o fio, que fórma o pello do velludo, e pelo qual prendem ambas as peças, como fica dito; entre ellas passa com muita ligeireza, e sempre na mesma direcção, o ferro, que as divide, e lhes aperfeiçoa o brilhante pello com que ficão. A justeza, e a força, com que este instrumento corre por entre estas peças, sem discrepar nem um ápice, é o que as torna muito mais perfeitas, e lustrosas. No que toca á simultanea factura de duas têas, é obra tão util, e admiravel, que basta mencional-a, para logo ser visto seu merecimento. E' por tanto muito natural, que esta fazenda diminua no preço por que se costuma vender; o que, se assim for, vem mesmo á feição da moda, e a fará introduzir com toda a facilidade, trazendo o sobrenome de economica. F. M. P. S. N.

Outra vez as novas chaves de afinar pianos.

LISBOA.

243 Em o nosso artigo 170 se acha a descripção da nova chave para afinar pianos, e tambem ali se declarão as suas vantagens. Este aperfeiçoamento, que, por pequeno, não deixa de o ser, foi então dado como invenção franceza; porem, segundo nos informão, não só é portuguez o que projectara a nova chave, mas portugueza a officina onde a primeira se fundira. Esta officina é a do Sr. Antonio José Nunes, cutileiro defronte da Rua da Emenda, em Lisboa; e o auctor do risco, por onde se este guiára, o Sr. Carvalho, afinador de pianos bem conhecido. Algumas de suas discipulas se lhe havião queixado, do máo commodo que encontravão ao servir-se das antigas chaves; eis ahi o que deu logar ao pensamento do Sr. Carvalho. Executado que foi, publicou-o, mas receoso de que ao dal-o como seu, isso lhe fisesse perder o valor, ainda quando o tivera, chamou-lhe francez!!!... Assim foi aceita a nova chave, e o seu auctor, senão de todo satisfeito, por despojado da gloria que lhe cabia, contentou-se com a venda; que d'outro modo podéra ficar sem uma e outra coisa. Ainda bem que essa mania, não diremos já *galici-parla*, mas galici-come, bebe, e dorme, em boa hora se vai acabando; e oxalá que venha dia em que não haja atinar-se-lhe com os vestigios por mais que alguem ihos procure.

J. C. C.

Modo de fixar as pinturas de pastel e os desenhos de lapis.

FRANÇA.

244 Ainda até hoje se não tinha achado meio de fixar bem os desenhos de lapis e as pinturas de pastel. O Marquez de Varennes acaba de descobrir um novo methodo, simplicissimo, para dar ao pastel e ao lapis a solidez de uma pintura, methodo que não apresenta o mais pequeno inconveniente.

Consiste em estender no reverso do papel uma dissolução alcoolica de gomma laca branca, que penetra por elle, em virtude da capilaridade, até chegar ás moléculas do desenho, ou pintura, que se achão do outro lado; o pó do pastel adhere n'um momento com uma solidez tal, que se pode enrolar depois o papel, e mesmo esfregar o desenho ou pintura, sem que se altere, nem insensivelmente.

R. L.

Novo combustivel chamado Carbolem.

RUSSIA.

245 Acaba de inventar-se em São Petersburgo um novo genero de combustivel composto que não é mais do que um carvão artificial, e cujo fabrico é facilimo. Compõe-se de carvão de pedra, ou vegetal, muito miudo, amassado com azeite animal, ou vegetal, da peor qualidade; esta pasta, depois de mettida em fórmas, é fortemente apertada, ficando assim os pedaços duros como pedra.

Para o fabrico d'este combustivel podem-se empregar tambem as borras do azeite, e o cisco do carvão de pedra ou de lenha. Em cada 100 partes de carvão, não ficão, depois de mettido na prensa, senão 7 de azeite.

O inventor, Deschniakoff, de S. Petersburgo, affirma que este carvão dá, em um volume igual, cinco vezes mais calor que o carvão de pedra de 1.ª qualidade, o que deve produzir uma vantagem immensa para o serviço dos barcos de vapor; tem, álem d'isso outra, não menos apreciavel, e vem a ser que

o calor do carbolem dura muito mais que o do melhor carvão de pedra.

D'estas diversas circunstancias reunidas resultão grandes vantagens para differentes ramos da industria, que deverão seguramente compensar o preço elevado por que vem a sahir.

A experiencia é facil de fazer, e vale bem a pena de se examinar todo o partido que se pode tirar d'este combustivel de novo genero. Particularmente o recommendamos á Companhia da Navegação do Tejo e Sado por barcos movidos por vapôr, e a todos os estabelecimentos em que se emprega o carvão ordinario em grande quantidade: é possivel que d'esta innovação lhes provenha sensivel economia. A. N. M. L.

Barcos de vapor armados em guerra.

ALLEMANHA.

246 Todos sabem, que o ponto essencial da arte da guerra consiste em causar pelo modo mais facil o maior damno ao inimigo, e em evitar com prudencia, quanto for possivel, o proprio: em os combates navaes, especialmente, val muitas vezes mais uma manobra feita a tempo, e com presteza, que grandes forças, e maior numero de navios. Segundo os jornaes allemães, os barcos de vapor da antiga construcção, armados em guerra, não podião alcançar estes dois fins, os principaes desta arte; nem se manobrávão com desembaraço, senão que nisso havião grande difficuldade, e estorvo, servindo-lhes de pejamento o grande volume das rodas, e seus reparos; nem lhes era facil fugir ao damno, que o fogo inimigo, jogado, e apontado sobre tão grandes alvos, infallivelmente lhes causava em a parte mais necessaria para todo o governo. A nova construcção destes barcos, de que aquelles jornaes fallão com tantos gabos, evita todas estas desvantagens, e lhes acrescenta consideravelmente a utilidade, e prestimo, mórmente no uso da guerra. As rodas desapparecem; todo o convez fica desafrontado; o peso diminue um terço; e por consequencia a força motriz val trez vezes mais: a economia do carvão está na mesma proporção da diminuição do peso: o navio fica mais veleiro, e manobra com todo o desempenho, e promptidão; e o que val ainda mais que tudo isto, montão-se mais boccas de fogo, e furtão-se á pontaria do inimigo os enormes lados, e superficies das rodas. Depois da miuda narração de varias outras vantagens, affirmão os mesmos jornaes, que esta nova construcção irá a ser geralmente preferida em os navios de guerra; porque com ella se consegue a um tempo o evitar o estrago proprio, como vimos, e fazel-o no inimigo com o augmento da artilheria, e a facilidade das manobras.

R. L.

Barcos movidos por cavallos.

FRANÇA.

247 Por nos parecer coisa singular, publicamos mais este progresso da industria; não pela novidade do engenho, que, se nelle não ha idea nova, nos parece já bem conhecido na Mechanica; mas pelo que tem de extraordinario na applicação, e na fórma por que se consegue mover um barco, como se fôra uma carroagem, por meio de quatro cavallos. Este barco, construido ha muito pouco tempo, é empregado na carreira de Saint-Maló a Dinan, e todos acodem a se embarcarem nelle de preferencia a qualquer outro; já por ser mais veleiro (se assim o podemos chamar) que outro qualquer de vapor, já por ser coisa nova, que tanto bastaria para desafiar a curiosidade. Ha nelle uma grande roda de 16 pés de diametro, e de dez de largura, por fórma que sua parte interior offerece grande capacidade para receber duas famosas parelhas de cavallos, que têem de peso, pouco mais ou menos, 110 arrobas; no que vai a melhor parte do effeito. Postos os cavallos em movimento de marcha, ainda mesmo a passo muito lento, fazem mover ligeiramente, e sem nenhum exforço, esta grande roda, na qual travão outras menores, que fazem igualmente trabalhar a ultima, que, com ser de todas a minima, communica uma incrivel velocidade ás pás. E' por esta fórma, que o barco corre em todas as direcções com tanta rapidez, que deixa muito atraz quantos barcos de vapor lhe vão apparecendo, e n'elles põe a prôa. Dissemos, que não nos parecia novo o engenho, senão a applicação, por serem bem conhecidas outras machinas de igual artificio, onde o movimento se produz por homem, ou por animal, que anda dentro da grande roda. Haverá quinze annos, que uma semelhante foi construida sob a direcção do nosso correspondente do Algarve, o Sr. José Joaquim Ramalho, e applicada a tirar agua d'uma nóra da sua quinta do Rio Secco.

R. L.

Materia medica indigena.

(*Continuação do art.* 223.)

248 Pelos exemplos, que resumidamente apontámos, de varias plantas indigenas, fica bem averiguado, que no artigo — purgantes — poderião ellas fornecer-nos optimos succedaneos, com que fariamos grandes economias, se nos resolveramos a bem conhecel-as, e applical-as, segundo suas virtudes, em logar d'aquellas, que mandamos vir d'outros paizes. Agora levando por diante esta materia, daremos noticia d'outras plantas, que igualmente nascem, e se crião, em a nossa terra, sem cultivo, nem preparo algum, quando sua virtude, e prestimo demandão todo o cuidado, e attenção. Sirvanos de prova a preciosa planta conhecida pelo nome de *vesicatoria*, e que nos consta nascer com abundancia pelos campos de Villa Pouca d'Aguiar. Esta planta, applicada em cataplasma, é um excellente vesicatorio, que levanta uma vesicula em quatro horas. De summo interesse nos parece este vegetal; porque álem de produzir uma forte, e tão prompta, revulsão, tem a vantagem impagavel de fazer as vezes das cantharidas, sem participar dos inconvenientes annexos á applicação destas; propriedade tanto mais proveitosa, quanto a sua acção sobre o apparelho urinario é perfeitamente nulla, vindo assim a ser de utilidade extrema, quando precisarmos d'um revulsivo energico, mórmente existindo padecimentos das vias urinarias. Ignoramos ainda a que especie pertence esta planta preciosa; porque poucos, ou nenhuns, esclarecimentos existem a seu respeito; se folheamos a Flora Pharmaceutica de Figueiredo, apenas encontramos no genero *ranunculus*, as especies *ranunculo flammulo*, ou *inflammatorio*, *o botão d'ouro sublime*, e o *patalou dos valles*, cujas folhas applicadas sobre a pelle, a inflammão, chegando até a levantar vesicula: a analogia das propriedades pode fazer desconfiar de que a vesicaria seja alguma especie do genero *ranunculus*. Conviria muitissimo experimentar não só as plantas, de que havemos feito menção, e outras, que por brevidade omittimos; mas tambem as que se seguem, que, pelo que achamos escrito em Figueiredo, se tornão mui recommendadas. Em primeiro lugar temos a *tanchagem d'agua*, *alisma plantago*, cuja raiz, segundo refere o mesmo Figueiredo, fundado em algumas observações, havia sido proveitosa no tratamento da hydrophobia; tambem se nos recommendão muito a *serralha branca*, *a santolina das praias*, *o bruco do Alemtejo*, *e o acanthio vulgar*, *ou cardo argentino de Vigier*, que pelas suas virtudes tão preconisadas pelo distincto botanico, já por vezes citado, se fazem dignas de serem cuidadosamente estudadas, para ver se as observações actuaes concordão com as de Brotero, Figueiredo, e outros.

Posto que o artigo já vai mais longo do que tencionavamos, comtudo não deixaremos em silencio algumas plantas, que existindo em abundancia no nosso paiz, são ainda importadas!.... A arnica, por exemplo, nasce tão copiosa em as nossas terras, que não ha necessidade de a mandar vir de fora: o mesmo dizemos do salepo, que facilmente o podemos haver das abundantes especies do genero *orchis*, *e ophrys*. A *alquitira do Algarve*, como fosse cultivada com algum cuidado, dar-nos-hia grande quantidade de *gomma adragantho*, *ou alcatira*, tão usada na medicina, e nas artes. O *carrapateiro* não nos seria de pouca utilidade, tanto no uso medicinal do azeite de suas sementes, como por ser muito proprio para allumiar, e poder esta planta facilmente ser semeada pelos baldios. A cultura do *malvaisco* (althea) nos pouparia igualmente boas sommas, que nos vão para fóra; etc. etc.

Não terminaremos este artigo, sem que chamemos a attenção sobre os numerosos productos medicinaes, que nossas possessões ultramarinas, mórmente as africanas, nos apresentão em larga copia; são os mais notaveis: o *senne*, *tamarindos*, *canafistula*, *jalapa*, *fusiforme*, *tapioca*, e outros, que nos são trazidos de paizes estranhos, tendo-os nós de portas adentro; álem dos seguintes, que são peculiares áquelles paizes, que merecem a pena de se estudarem, e de que mencionaremos os principaes, a saber = o *capande*, *mudama*, *viubó*, *paco o pani*, *pamo varrão*, *pamo mor*, *mutaven-sato*, *muxeleco*, *mossua*, e com especialidade o *lussi*, ou *curo*, pelos habitantes daquelles paizes empregado no tratamento das febres intermittentes, e com muito proveito, em logar da quina, o que não é de admirar se attentarmos no que se está passando no Brazil, onde os médicos olhão com tanta attenção para a casca do *páo pereira*, que ali começa a usar-se como succedaneo da quina, e de que se ha extrahido já um alcaloide com o nome de *pereirina*, que substitue muito bem o sulfato de quinina: é muito para desejar que se fação novas indagações nos paizes equatoriaes que nos pertencem, para vêr se em latitudes iguaes ás do Perú, se en-

contrão algumas especies de quina, ou outras plantas, que em seus usos medicinaes a possão adequadamente substituir; devendo-se no caso negativo transplantar para lá boas especies de quina, que em pouco tempo pagarião com usura o trabalho que houvesse, com a sua cultura, pelo immenso consumo que terião não só n'esses paizes, mas até na mãi patria, vindo talvez a dar origem a um novo ramo d'industria, qual o da preparação do sulfato de quinina, que assim viria a ficar-nos mais barato, e evitaria ao mesmo tempo a falsificação d'uma grande parte do que vem de fóra.

Rematamos, fazendo votos para que á vista dos immensos beneficios que a therapeutica tem a esperar do emprego das plantas medicinaes indigenas, submettidas prévia-mente ao cadinho da experiencia, muitos vegetaes de que abunda o nosso sólo comecem a ser aproveitados, e substituidos, quanto seja possivel, aos que de paizes estranhos nos são importados: praza a Deos que nossas esperanças se realizem, e que vejamos em breve imitados os exforços, que os facultativos brasileiros vão fazendo a bem do seu paiz, e de que a Revista Medica Fluminense, o Formulario de Chernoviz, e a obra de Imbert, nos apresentão provas incontestaveis. Findaremos estas breves reflexões (que só o amor da patria nos obrigou a lançar ao papel) transcrevendo o trôcho seguinte d'um escripto que um amigo nosso publicou no Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas. » A publicação dos factos, quando são verdadeiros, são sempre uteis, e não os publicar, é desamor da humanidade. Oxalá que nossos collegas das provincias, que vivem em pontos onde avoengas practicas tem comprovado a utilidade d'este ou d'aquelle methodo, d'esta ou d'aquella herva, se dessem ao trabalho de enriquecer as paginas do nosso jornal com essas medicinas velhas, mas alliviadoras de nossos males, e nacionaes.

A. J. de S.

Sociedade promotora dos interesses materiaes da nação.

LISBOA.

249 Assim como a Escholastica foi a voragem em que se absorveu a maior parte dos engenhos da idade media, sem que a sciencia, em todo esse largo espaço de tempo, desse um só passo para a sua verdadeira perfeição; assim tambem, em nossos dias, e em nossa terra, as chamadas questões politicas, nos têem roubado o melhor de nosso tempo, de nossas faculdades, e até de nossas esperanças.

No meio deste escuro nevoeiro, em que nos hão trazido envolvidas as desavenças dos partidos, não tem sido ainda possivel atinar com o caminho que conduz á verdadeira felicidade social. Os exemplos das nações cultas da Europa, que, sob todas as fórmas de governo, gozam dos fructos da civilisação, têem sido inteiramente perdidos para nós, que ainda corremos apóz uma phantastica felicidade, deixando a que é real, que todos sentem, que com todos se identifica, e que consiste na maxima participação dos commodos da vida, na satisfação de nossas precisões phisicas, moraes, e intellectuaes.

A prosperidade publica tem certamente sido o alvo de todos os partidos; essa justiça se lhes deve; mas o privilegio exclusivo que todos se têem arrogado para a descobrir, e o monopolio que, antes da descoberta, della tem querido fazer, é certamente a origem da maior parte de nossos males publicos.

Se um dia (e porque não hade elle chegar?) amanhecessemos com juizo; se nos desenganassemos que a verdadeira felicidade não é exclusiva, mas sim a que a todos convêm, todos nos uniriamos para ir em sua procura.

A Sociedade promotora dos interesses materiaes da nação, cujo programma hoje publicamos, já concebeu, e promette realizar, este pensamento. Deos a fade bem; que, se de seu programma desempenhar uma decima parte, muito lhe deverá a presente e a futura geração.

F. S. T.

Bases para os estatutos da sociedade promotora dos interesses materiaes da nação, já pela mesma sociedade approvados, sobre o projecto approvado pela commissão ad hoc, *composta dos Snrs. João Maria de Abreu Castello-Branco Cardoso e Mello, presidente — Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, relator — Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva, secretario.*

Artigo 1.º O fim da sociedade é promover os interesses materiaes da nação portugueza.

Art. 2.º A sociedade compor-se-ha de um numero indeterminado de membros.

Art. 3.º Haverá duas ordens de socios — contribuintes, e effectivos.

§. 1.º Socios contribuintes são os que concorrem para a sociedade com uma quota mensal, que nunca poderá exceder a 400 réis.

§. 2.º Todas as pessoas, de qualquer sexo, condição ou idade, são admissiveis a socios contribuintes.

§. 3.º Os socios effectivos são obrigados, álem da cota mensal, a assistir regularmente ás sessões da sociedade.

§. 4.º No demais, os estatutos designarão os direitos e deveres de uns e outros.

§. 5.º Para ser admittido socio effectivo será necessario obter maioria de votos dos membros presentes; — para contribuinte bastará ser apresentado por seis membros effectivos.

Art. 4.º Os socios effectivos residentes em Lisboa comporão, pela sua reunião, a assemblea central — os socios residentes nas provincias formarão assembleas filiaes. Umas e outras se corresponderão para tudo o que for concernente ao fim da sociedade, pela fórma que nos estatutos se determinar.

Art. 5.º A sociedade procurará conseguir os seus fins pelos seguintes meios:

1.º Organizando um gabinete de leitura, composto principalmente de obras periodicas ou avulsas, que versem sobre sciencias praticas.

2.º Fazendo divulgar pela imprensa qualquer novo invento nacional ou estrangeiro, que tenha relação com o fim da sociedade.

3.º Fazendo distribuir as suas publicações sobre esses novos inventos nos districtos do reino, que d'elles poderem colher maiores vantagens.

4.º Estabelecendo em Lisboa um Atheneu de sciencias e artes.

5.º Publicando annualmente estatisticas do reino, debaixo do maior numero possivel de considerações.

6.º Relacionando-se estreitamente com todas as sociedades e academias nacionaes e estrangeiras, donde possa esperar algum auxilio para o seu fim.

7.º Propondo ao governo ou ás côrtes o plano de qualquer melhoramento, em harmoina com o fim da sociedade, e que seu saber ou sua experiencia lhe tenha feito conhecer que promove os interesses do paiz.

8.º Organizando um gabinete de machinas uteis; conservando-as em modelo, para se imitarem em grande.

9.º Promovendo a creação pelo menos de uma eschola normal agricola.

10.º Mandando estudar fóra do reino individuos de reconhecida aptidão, afim de para cá se importarem os conhecimentos praticos, de que mais se carece.

11. Entrando com seus fundos em varias emprezas de reconhecida utilidade.

12. Creando outras, que ainda não existam.

13. Fazendo estudar a historia natural do paiz em todos os seus ramos.

14. Promovendo o estabelecimento de bancos de economias, e agrarios — assim como de quaesquer estabelecimentos, qne fomentem a agricultura nacional.

15. Conferindo premios aos lavradores, artistas, e fabricas, que mais se distinguirem; assim como aos creadores das melhores raças de animaes uteis.

Art. 6.º A sociedade dividir-se-ha nas seguintes classes — agricultura — industria fabril — commercio — estradas, e navegação interna, e obras publicas — instrucção publica — colonias, — e as que se julgar conveniente crear.

§. unico. Os socios effectivos inscrever-se-hão em uma ou mais destas classes, segundo lhes aprouver.

Art. 7.º As sessões terão a publicidade compativel com o local e com a decencia da sociedade.

Programma.

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

(Continuação do artigo 211.)

PARA O ANNO DE 1843.

250 Explicar pela historia politica, civil, e religiosa, as causas que concorreram para a grandeza de Portugal, e depois para a sua decadencia; marcando distinctamente as épocas destas duas vicissitudes.

Qual a base do melhor systema de Direito natural.

PARA O ANNO DE 1842.

Apontar os erros mais notaveis em que alguns escriptores de nota tenham incorrido na composição da historia que escrevessem; seja dos chamados antigos, seja dos modernos de qualquer nação; mas preferindo sempre algum escriptor nacional, na compilação de sua historia, a fim que se expurguem do prejuizo das falsidades que as deturpam.

Uma descripção de alguns, ou de algum grande edificio antigo portuguez, ou a memoria de qualquer successo notavel que lhe seja relativa; acompanhando-se as notas hissoricas, que lhes digam respeito, de todas as

observações artisticas, sobre o caracteristico de sua architectura, ornatos, etc., com a indicação do estado presente do mesmo edificio ou edificios, e o que se offereça sobre a sua conservação; procurando-se em tal descripção seguir os exemplos que das mesmas temos na litteratura allemã, ingleza, italiana, etc.

O Elogio historico do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, com as relações de suas viagens.

PARA O ANNO DE 1843.

Uma memoria sobre a importancia das relações politicas de Portugal com o Imperio de Marrocos, debaixo do ponto de vista commercial; e não só com este Imperio, mas tambem com os territorios do interior da Africa, por meio das Cafilas, que atravez do grande Deserto fazem a communicação entre os sobreditos territorios, e o mencionado Imperio.

Um exame e juizo critico sobre o merecimento dos tres escriptores Jesuitas Portuguezes, João de Lucena, Balthazar Telles, e Antonio Vieira, em linguagem portugueza, historia, e eloquencia; e a vantagem que guardam entre si em qualquer destas tres partes de Litteratura.

Uma descripção dos monumentos chamados vulgarmente Celticos, que existiam em Portugal, designando as suas dimensões, fórma de construcção, e usos provaveis.

Uma historia succinta das controversias que tiveram Castelhanos e Portuguezes ácerca das Molucas, tirada de documentos authenticos.

Assumpto extraordinario.

Determinar a influencia da Nação Portugueza nos progressos intellectuaes, e estado social e politico da Europa.

Este assumpto será premiado com 168$000 réis em Obras da Academia, offerecidas por um Socio que não quiz que se declarasse o seu nome.

Assumptos fixos, sem limitação de tempo.

A descripção economica e physica de alguma Comarca, ou territorio consideravel do Reino, ou Provincias ultramarinas.

Fixar-se-ha a época por meio de annuncios feitos nos papeis publicos, logo que algum concorrente mostre desejal-o assim, apresentando á Academia, em carta fechada, e sem declaração do seu nome, algum pequeno trabalho que indique occupar-se deste assumpto.

O elogio de algum Portuguez illustre.

A historia philosophica do Reinado de algum dos Senhores Reis de Portugal, comprovada com documentos authenticos.

Uma Tragedia Portugueza.

Uma Comedia de caracter em verso, ou em prosa.

Assumpto fixo, sem limitação de tempo, e com premio dobrado.

Um plano de canal para aproveitar as agoas de algum rio de Portugal na irrigação dos campos, com as nivelações e calculos necessarios para verificar a sua exacção.

Assumpto, sem limitação de tempo, e como premio extraordinario de 400$000 rs.

A Pathologia e Therapeutica das Dysenterias chronicas, comprovada pelo menos com vinte observações bem verificadas, que não deixem duvida alguma sobre a cura desta enfermidade, de que foi victima o nosso Socio o Sr. Luiz de Sequeira Oliva, que deixou á Academia um legado para se pagar este premio.

Os premios ordinarios consistem em uma medalha de ouro do peso de 50$000 réis; e todas as pessoas podem concorrer a elles, á excepção dos Socios honorarios, e effectivos da Academia. Abaixo destes premios principaes, propõe a Academia tambem a honra do *Accessit*, que consiste em uma medalha de prata; e ainda abaixo destes a menção honorifica da memoria, que só disto se fizer digna, a qual menção será feita nas suas Actas e Historia.

As condições geraes para todos os assumptos propostos são: Que as memorias que vierem a concurso, sejam escriptas em Portuguez, sendo seus auctores naturaes destes Reinos, e em latim, ou em qualquer das linguas da Europa mais geralmente conhecidas, sendo estrangeiros: que sejam entregues na Secretaria da Academia por todo o mez de Junho do anno em que houverem de ser julgadas: que os nomes dos auctores venham em carta fechada, a qual traga a mesma devisa que a memoria, para se abrir sómente no caso em que a memoria seja premiada; e finalmente, que as memorias premiadas não possam ser impressas senão por ordem, ou com licença expressa da Academia; condição que igualmente se estende a todas as memorias, que, não obtendo premio, merecerem com tudo a honra do *Accessit*. Mas nem esta distincção, nem a adjudicação do premio, nem mesmo a publicação determinada ou permittida pela Academia, deverão jámais reputar-se como argumento decisivo, de que esta Sociedade approva absolutamente tudo quan-

to se contiver nas memorias a que conceder qualquer destes signaes de approvação; porém sómente como uma prova de que no seu conceito desempenharam, se não inteiramente, ao menos a parte mais importante dos assumptos propostos.

Lisboa, na Secretaria da Academia Real das Sciencias, em 3 de Novembro de 1841. = *Francisco Elias Rodrigues da Silveira*, Vice-Secretario da Academia.

Congresso Scientifico.

FLORENÇA.

251 A ultima Sessão do Congresso Scientifico de Florença, deu de presente o Grão Duque de Toscana, a cada um dos sabios que ali concorreram, um volume ricamente encadernado, com o titulo seguinte = *Tentativas de experiencias physicas feitas na Academia do Cimento. 3.ª edição florentina, precedida de noções historicas sobre esta Academia, etc.*

Foi fundada a Academia *del Cimento* em 1657, por Leopoldo, Princepe de Toscana, com o fim de honrar a memoria de Gallileo, e servir de centro onde se reunissem os discipulos d'aquelle insigne mathematico. Havião-se feito varias edições d'aquella obra; mas esta, fielmente extrahida de diversos manuscriptos da bibliotheca do Grão Duque, e da mesma Academia, é muito mais exacta e completa que todas quantas a precederam. As tentativas, as experiencias de toda a casta, os infatigaveis trabalhos dos sabios florentinos, tudo se acha relatado com ordem, clareza, e elegancia de estilo; nem é menos para admirar a minuciosa exactidão com que forão descriptos os engenhosos instrumentos, inventados, modificados, e aperfeiçoados por aquelle Congresso, que tão bem mereceu da patria. A leitura d'este livro inspira a maior estima e respeito para com a memoria d'esses illustres creadores da philosophia natural, que tomaram para devisa da sua Academia as palavras — PROVANDO E RIPROVANDO — *provas e mais provas* — devisa que deve ser a de todas as sciencias experimentaes. Posto que só durasse 10 annos, em razão de seu defeituoso regulamento, que exigia a abnegação da gloria pessoal em beneficio da sociedade, nem por isso deixou de transmittir fama e gloria á posteridade.

Querendo o Grão Duque de Toscana, que, por occasião da abertura do 1.º Congresso italiano reunido em sua capital, se recordasse a Europa dos grandes homens que produzio aquelle bocadinho da Peninsula, havia feito d'antemão alçar um magnifico monumento em marmore á gloria de Gallileo, a que deo o nome de *Tribuna de Galileo*. A descripção d'elle, acompanhada de quinze bellissimas gravuras em cobre, foi offerecida aos sabios, com uma primorosa medalha que pela mesma occasião se cunhára. Tem de um lado a *Tribuna de Gallileo*; do outro a devisa da *Academia del Cimento* — PROVAS E MAIS PROVAS — e no meio esta inscripção:

NEI CONGRESSI
DEGLI
SCIENZIATI ITALIANI
L'ACADEMIA
DEL CIMENTO
RINASCEVA
M. P. S.

Transcrevemos do ultimo numero dos Annaes Maritimos, e Coloniaes, o seguinte

Aviso aos navegantes.

N.º 38.

Farol fluctuante nas Sete Pedras (Seven Stones)

Trinity House; Londres 24 de Agosto de 1841.

252 Noticia-se que o Farol fluctuante, a que se refere o aviso de 10 do corrente, foi agora collocado perto dos rochedos chamados as Sete Pedras (Seven Stones), situadas entre o fim da terra (Land's End) de Cornevall, e as Ilhas Scilly ou Sorlingas.

O barco em que se acha, está fundeado em 40 braças de agua, pouco mais ou menos, de 1¾ milhas E. ¼ SE. do rochedo Pollard das Sete Pedras (Seven Stones), e pouco mais ou menos á mesma distacia E. ¼ NE. da parte do Norte da Pedra do Sul das mesmas.

Nesta posição o angulo entre os extremos do Norte e Sul das Ilhas Scilly é de 22.º, e a marca para de dia, collocada em St. Martin, fica-lhe ao O. ¼ SO. e o farol de Longship a ESE.

Os lumes hão de apparecer pela primeira vez ao Sol posto o 1.º de Setembro, e consistirão em duas luzes brilhantes, fixas, uma no mastro grande, na elevação de 38 pés, e outra no mastro de prôa, na elevação de 20 pés, acima do nivel do mar.

N. B. Os navios, que navegarem entre as Ilhas Scilly, e a extremidade da terra,

farão diligencia para que lhes fique o Farol fluctuante do Sul para o Oeste quando vem da parte do Norte; e os vindos do Sul, que se dirigem ao Farol fluctuante, devem conserval-o na direcção do Norte para Oeste.

Por ordem = (Assignado) *Herlet*, Secretario.

N.º 39.

Annuncio feito pela Administração da Real Marinha, em Stockolmo.

A Administração da Marinha Real faz publico para conhecimento dos Navegantes, que o Farol da Ilha de Winga, situada na parte exterior da entrada do porto de Gottemburgo, assim como os Faróes, conductores de Bukskaret, e Botto, situados na entrada da dita cidade, se acenderão pela primeira vez em o 1.º de Novembro, ficando o Farol de Winga aceso todo o anno, segundo se pratica com os faróes nas costas do Reino; e os de Bukskaret, e Botto, estarão acesos sómente durante a estação escura, isto é, desde o dia 15 de Agosto de cada anno até ao dia 15 d'Abril do anno seguinte.

Stockolmo, 10 d'Agosto de 1841.

253 Bibliographia Portugueza.

Collecção de retratos dos nossos principaes Artistas e Auctores dramaticos contemporaneos. — Em todos os Paizes cultos aonde as artes occupam o lugar, que lhes compete, não tem faltado quem, para perpetuar a memoria dos que lhes têem feito mais assignalados serviços, reuna em Collecção os Retratos dos principaes Artistas e Auctores. — O Sr. E. Doux deu ha annos um grande impulso ao Theatro Portuguez, e d'aqui proveio darem-se a conhecer muitos talentos, que, com a decadencia da arte, vegetavam ocultos. — Não menos brilhante foi o apparecimento de Auctores, que, com suas eximias producções, vieram ajudar a regeneração do nosso Theatro. — Imitar um exemplo, digno de ser seguido, e fazer conhecidos, em todo o reino, tanto Actores como Auctores, é o fim a que se dirige a publicação intentada por J. A. Roza, Auctor do mesmo Theatro. — Toda a sua ambição se cifra em conseguir, por este modo, dar a seus collegas o galardão, de que são dignos, pelos serviços prestados á arte, a que se dedicaram, e nos quaes elle muito desejára acompanha-los. — O preço da subscripção é de 480 réis por cada Retrato, pagos á entrega. Os Senhores, que quizerem assignar, terão a bondade de declarar, em seguida, o seu nome, e morada, e o numero de exemplares, que desejam obter. — Os exemplares serão entregues em casa dos Senhores Assignantes, tanto em Lisboa, como nas Provincias (*Communicado e fielmente copiado.*)

DOUTRINA CHRISTÃ, EM FORMA DE LIÇÕES DE PIEDADE, em que se expõe as provas da Religião, os dogmas da Fé, as regras da Moral, e o que respeita aos Sacramentos, e á Oração; para uso das casas de educação, e das familias christãas; Por Lhomond. Posta em linguagem por *Fr. Domingos Vieira*, da Extincta Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho. Lisboa, na Typographia Rollandiana. 1841. — *Um volume de 552 paginas em oitavo.*

Traz esta obra por epigrafe as seguintes palavras—*Terão elles o direito de propinar o veneno, e nós não teremos o de lhe applicar o antidoto?* — E' uma nobre epigrafe, e mui generosa, sobre mui philosophica. O auctor é bem conhecido por seus vartos escriptos dedicados á instrucção litteraria, moral, e religiosa, da mocidade, de quem em toda sua vida não cançou de se mostrar entendido mestre, e zeloso amigo; escriptos esses infinitas vezes reimpressos, e ainda hoje procurados. O livro, cuja traducção annunciamos, poderá vir a ser, (em quanto não appareça obra melhor e original) um manual muito proveitoso para Collegios, e Familias piedosas, e um *Vade-mecum* utilissimo para Parochos, os quaes n'elle colherão sem custo, e calendariamente ordenados, por estudo e diligencia do traductor, os apontamentos dos Evangelhos, de que poderão apropriadamente fazer doutrina a seus Parochianos.

254 FRANCEZA.

A religião nos limites da razão, por E. Kant, traducção do allemão, por Trullard. 1 vol. em 8.º

Tristeza e consolação, ou o Evangelho prégado debaixo da cruz, meditações para os afflictos, por J. L. Grandpierre. 3.ª edição. 1 vol. em 8.º

Relatorio annual sobre os progressos das sciencias physicas e chimicas, apresentado á Academia das Sciencias de Stockolmo, por J. Bercelius; traduzido do sueco, por Plantamoor.

Medicina hemato-chimica, influencia do sangue e de suas alterações no desenvolvimento das molestias, e tratamento d'ellas, por Ad. Langlebert e Peschier. 1 vol. em 8.º

Esboço d'um tratado completo de phisiologia humana, pelo Professor Lordat. 1 vol. em 8.º

Tratado elementar dos reagentes, suas preparações, seus empregos especiaes, e sua applicação á analyse, por A. Payen e A. Chevallier. 1 vol. em 8.º

Semeotica das ourinas, ou Tratado das alterações da ourina nas molestias, por Alfredo Becquerel. 1 vol. em 8.º

Guia pratico para o estudo e tratamento das molestias de pelle, por Girandeau de St. Gervais. 1 vol. em 8.º

Memorias sobre agricultura, instrumentos aratorios, economia rural, e contabilidade agricola, por L. P. Valcourt. 1 vol. em 8.º

255 Redacção da REVISTA UNIVERSAL agradece ao Snr. J. A. A. o contheudo da carta com que a honrou, e aceitará com a maior satisfação uma copia exacta das chácaras que menciona; pois apezar de possuir algumas d'ellas, ha todavia variantes em algumas quadras, e muito convem conhecel-as todas.

ERRATA

Em o n.º 11 pag. 130, col.ª 2.ª, linha 11, em vez de *citrate*, lêa-se *citrato*.

TYPOGRAPHIA DE J. A. S. RODRIGUES
Rua da Condeça n.º 19.